

PINGA-FOGO

■ **NOVO INTEGRANTE DA CORTE ELEITORAL FLUMINENSE** - O desembargador Fernando Cerqueira Chagas foi eleito membro efetivo, na classe dos desembargadores, do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE-RJ), em eleição realizada pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ). A escolha ocorreu em sessão plenária e teve como objetivo preencher a vaga deixada pelo desembargador Peterson Barroso Simão, cujo biênio foi concluído recentemente.

■ A eleição, que definiu a nova composição da Corte Eleitoral fluminense, registrou ampla participação dos magistrados do TJRJ. Na mesma sessão, a juíza Ane Cristine Scheele Santos foi eleita membro substituto, na classe dos juízes de Direito, em razão do término do mandato do juiz Marcello de Sá Baptista.

■ **OAB-RJ CONTRA TRIBUTAÇÃO SOBRE DIVIDENDOS PARA ADVOCACIA** - A OAB-RJ decidiu ir ao Senado Federal contra dois projetos de lei que prevêem a tributação sobre dividendos para a advocacia e demais profissionais liberais. Caso os projetos – ou um deles – sejam aprovados, a carga tributária para advogados e advogadas pode passar dos 40%. O PL nº 1.087/2025 já foi aprovado na Câmara dos Deputados e tramita no Senado. Já o PL 1.952/2019, de iniciativa dos próprios senadores, também é analisado na casa.

■ Recentemente, com a Reforma Tributária, os impostos para sociedades de advogados já haviam dobrado, passando de 15% para 33%. Com a proposta de tributação em 10% dos dividendos, a carga total chegará a 43%.

■ A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basílio, afirma que a medida representa não apenas um peso excessivo para a advocacia, mas também para outros profissionais liberais, como médicos, arquitetos, entre outros. “As consequências serão sentidas por toda a sociedade, já que o aumento dos custos tende a se refletir nos valores dos serviços prestados”, disse.

■ A OAB-RJ vai procurar os senadores do Rio de Janeiro para demonstrar os impactos negativos da medida, levar as preocupações da classe e sugerir que essa nova tributação para a advocacia e demais profissionais liberais seja derrubada.



Vereador Marcos Dias cumprimentando o homenageado, Dr. Lauro Rabha



A homenagem, por iniciativa do vereador Wagner Tavares, contou com a presença dos familiares do Dr. Lauro Rabha. Na foto, com o pai Elias José Rabha, a mãe Maristela Rabha e Filho Miguel



O homenageado Lauro Rabha com os vereadores Haroldinho, presidente da Câmara de Itaguaí; Wagner Tavares, autor do pedido da medalha; e Jorge Felipe, deputado estadual

Consulado Geral da Espanha em SP celebra o Dia Nacional da Espanha



Cônsul geral, D. Pablo Montesinos Espartero - Duque de La Victoria

Nesta segunda (13), o cônsul geral da Espanha em São Paulo, Don Pablo Montesinos Espartero (Duque de la Victoria) e a consul-adjunta, Doña Laura López García, receberam autoridades nacionais e estrangeiras, bem como membros da coletividade espanhola para a celebração do Dia Nacional da Espanha, ocorrido dia 12 de outubro, reafirmando seu compromisso com o estreitamento dos laços diplomáticos com o Brasil.



Nelson Martinez, D. Pablo, Laura López García (cônsul adjunta) e Fernando Martinez

Fernando Molica

O início de um novo ciclo de ódio

Passadas as comemorações pelo fim dos ataques a Gaza, é importante ressaltar que o acordo de cessar-fogo tende a marcar também o início de uma nova fase de hostilidades, mortes e manifestações de ódio. Houve apenas uma trégua que em breve será interrompida se não forem tomadas medidas fundamentais para a pacificação da região. Seria inocência achar que haverá tranquilidade depois das mortes — 67 mil vítimas de Israel e 1,2 mil do Hamas — e da quase completa destruição do território palestino. O novo ciclo de violência foi iniciado com os ataques do Hamas há dois anos e ganhou mais impulso com a reação desproporcional de Israel, algo que desautoriza utilização da palavra “guerra” — não havia dois estados em conflito, mas um massacre em que até a fome foi usada como arma. Não houve um acordo de paz, mas uma espécie de rendição mútua. O Hamas, que parece ter subestimado a capacidade de reação do inimigo em 2023, sucumbiu diante de um adversário incomparavelmente mais poderoso; Israel foi obrigado a recuar diante da condenação feita até por aliados tradicionais e ao ser pressionado pelo maior deles, os Estados Unidos. Nascido da tragédia do Holocausto, o país parece ter queimado praticamente toda

a simpatia internacional — a imagem do plenário quase vazio da ONU que recebeu Benjamin Netanyahu resume, no campo diplomático, o estrago acumulado pelo estado judeu. Israel, mais uma vez, tem a chance de reconhecer que a questão palestina não será resolvida com armas. Não é preciso ir muito longe para saber que é impossível haver paz na miséria. A história ensina que as condições impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes foram decisivas para a revolta e o inconformismo que semearam a eclosão do nazismo. A prosperidade costuma desarmar espíritos; a fome tende a torná-los ainda mais ferozes. Pessoas que não têm o perder costumam ser mais agressivas. Dá para imaginar o que sentem aqueles que perderam pais, amigos e casas nos últimos dois anos, jovens e crianças que cometeram o crime de nascerem um pouco mais pra cá ou pra lá de fronteiras tão incertas e perigosas. Nas últimas décadas, governos israelenses, todos eleitos pela população do país, desprezaram diversas oportunidades de construção de uma saída pacífica. Sabotaram acordos, desrespeitaram decisões da ONU, incentivaram o povoamento de territórios ilegalmente ocupados, patrocinaram ações que mataram muita gente. Radicais do lado palestino também fizeram sua parte para

difícultar a possibilidade de uma solução — os ataques terroristas de 7 de Outubro foram o ápice desse processo. Nas próximas semanas, relatos de ex-reféns e de ex-prisioneiros vão reverberar pelo mundo. Serão mostrados depoimentos de famílias que perderam parentes e o drama dos que não tem comida nem onde morar. A repetição de ataques que matam inocentes serve apenas para exacerbar o ódio, para fazer com que o outro seja visto não como ser humano, mas como encarnação do mal. Isso dificulta até mesmo situar o conflito num determinado contexto histórico, como no caso do nazismo: seria insano culpar alemães de gerações mais recentes pelo que houve a partir dos anos 1920. Não há consenso sobre o que será feito daqui para frente, pouco se fala de medidas que possam aplacar o ódio renovado e apontem para uma possibilidade de convivência e de tolerância. Diante do que houve, já não bastaria um compromisso — ainda incerto — de criação de um estado palestino, seria necessário implantar uma espécie de Plano Marshall para recuperar Gaza e viabilizar economicamente o novo país. Um país que, queira ou não Israel, é inevitável, até para que chacinhas deixem de ocorrer.

Tales Faria

Bolsonaro terá que optar entre centrão e os filhos

O deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), conhecido como o filho Zero-Três do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), colocou o pai em apuros. Mas não o fez sem autorização do próprio ex-presidente. Quando abandonou o trabalho na Câmara, para o qual foi eleito, e partiu para a campanha aberta nos Estados Unidos por sanções contra o Brasil, Eduardo o fez combinado com o pai. Em 18 de março, com a condenação do pai praticamente certa no julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) que se iniciaria no dia 25 daquele mês, Eduardo anunciou em uma nota dura que se licenciaria da Câmara. Passou a se dedicar exclusivamente à campanha para que o presidente dos EUA, Donald Trump, tomasse medidas para pressionar o Brasil a anistiar os envolvidos na tentativa de golpe de Estado. Sua decisão foi tomada em conjunto com o pai, após saber que não seria indicado pelo PL para presidir a Comissão de Relações Exteriores da Câmara. Eduardo e o pai avaliavam que, como presidente da Comissão, o deputado teria passe livre para ir e voltar aos EUA em encontros visando mobilizar autoridades locais.

Sem o cargo, tomaram o que o próprio Eduardo classificou como “a decisão mais difícil de minha vida”. Ambos sabiam que a partir daquele momento, o deputado corria até mesmo o risco de perder o mandato. Risco que corre até hoje. Mas decidiram partir para o tudo ou nada. O que Bolsonaro não esperava é que a decisão de ambos obrigaria o filho a tomar atitudes cada vez mais radicais que acabariam por levá-lo a entrar em atrito com os caciques do centrão. O centrão é que deu sustentação a Jair Bolsonaro, ao praticamente assumir o destino do seu governo, em julho de 2021, quando a popularidade do então presidente estava em queda livre. No dia 27 daquele mês, o presidente nacional do PP, senador Ciro Nogueira (PI), sentou na poderosa cadeira de chefe da Casa Civil, afastando os militares do comando do Palácio do Planalto. Agora esse mesmo Ciro Nogueira anunciou em entrevista ao programa Canal Livre, no domingo, 12, que a ofensiva do deputado nos EUA causou um “prejuízo gigantesco” para o projeto político da direita, comprometendo vitórias nas eleições de 2026, tanto nos estados à Pre-

sidência, que estavam “completamente resolvidas”. Eduardo reagiu tornando pública uma denúncia que circulava nos bastidores do centrão: Ciro Nogueira estaria trabalhando para ser candidato a vice em chapa presidencial encabeçada pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). A briga escancarou uma ferida na aliança entre o centrão e o bolsonarismo que já vinha sendo aberta desde que outro filho de Bolsonaro - o Zero-Dois, Carlos Bolsonaro - atacou Tarcísio de Freitas e todos os governadores de direita que vêm se colocando como possíveis candidatos a presidente da República. Ficou claro que a família Bolsonaro tem planos eleitorais próprios e que não passam por entregar a herança política do pai para o centrão. A exposição pública desse racha agora vai obrigar o chefe do clã a optar se mantém o plano familiar, ou enquadra os filhos e novamente se entrega ao centrão, como o fez em 2021. O que se diz no bolsonarismo é que, desta vez, os filhos não aceitarão se entregar ao centrão. A pergunta que fica nos bastidores do bolsonarismo é: como fica a anistia no meio dessa encrenca?